

CIDADÃO RGE Quatro voluntários promovem bingo semanal para internos do Lar da Velhice São Francisco de Assis em Caxias

Jogo em que todos ganham

FOTOS NEREU DE ALMEIDA

Idosos se alegram com as visitas e ainda ganham brindes ao entrar na brincadeira

BABIANA MUGNOL

Caxias do Sul – Um asilo abriga dezenas de idosos, muitos sem famílias e outros deixados por elas para que sejam cuidados neste espaço. No entanto, estar rodeado de pessoas não significa não se sentir sozinho. Basta observar o Lar da Velhice São Francisco de Assis em Caxias, onde os moradores que lotam seus corredores, muitos de cadeiras de rodas denotando problemas de saúde, se enchem de alegria cada vez que um voluntário empresta um pouco de seu tempo e de sua atenção. É o que fazem quatro amigos promotores de um bingo semanal há quatro anos.

Munidos de cartelas, feijões e um globo para sortear os números, os aposentados Clayr Fochesatto Scalabrin, 63 anos, Jones Luiz Perin, 64, Terezinha Pellini, 76, e Vilma Adamatti, 86, adentram o abrigo todas as segundas-feiras à tarde. A expectativa dos idosos pela visita dos voluntários não revela apenas a ansiedade pelo passatempo, mas também a carência afetiva.

– A segunda é um dos dias mais aguardados por eles, mas não é só por causa do bingo. A gente vê que a maior necessidade deles é por afeto. Eles querem alguém para ficar ouvindo suas histórias – comenta Perin.

A assistente social do Lar da Velhice, Rejane Polidoro, ressalta a importância do voluntariado na instituição.

– Como não temos condições de contratar muitos profissionais, os voluntários acabam suprindo essa parte do lazer. Só conversar com eles já é muito importante – destaca a assistente social.

Os voluntários viram no bingo uma forma de motivar ainda mais os residentes do asilo neste jogo em que todos ganham. Os brindes não são apenas para quem acerta todas as dezenas. Doces e outras guloseimas são distribuídos para todos os participantes.

Uma atitude como esta, por mais simples que pareça, exige muita dedicação dos voluntários. Há idosos que precisam ser auxiliados, porque não enxergam bem os números da cartela ou têm dificuldades para ouvir as dezenas sorteadas. Com paciência, os quatro se dividem para atendê-los e fazê-los se sentirem capazes.

– Quando conheci o asilo, fiquei muito comovida. Hoje me sinto bem, porque muitos não têm coragem de vir aqui por causa da tristeza que há neste ambiente. Mas muito mais triste é esquecer deles – critica Clayr.

Há dois anos no Lar da Velhice São Francisco, depois de sofrer um derrame, o divorciado Darci Bigarella, 69, resume o sentimento dos internos com as visitas.

– É muito bom, porque nos distrai.

Da mesma forma se sentem aqueles que emprestam o que possuem de melhor: a vontade de ajudar.

– Não dá para levar a vida sem ser útil a ninguém. A gente também sente a velhice um dia e promover alegria para eles é a maior satisfação que podemos ter – acrescenta Vilma.

babiana.mugnol@pioneiro.com

RGE
Uma empresa CPFL Energia

**SOLIDARIEDADE**

Enquanto Clayr Fochesatto sorteia os números, Vilma Adamatti (em pé, à esq.) e Jones Luiz Perin auxiliam os idosos

Jogada de mestre é conversar com os parceiros de carteadado



O geólogo Gilmar Signori (à esquerda na foto), 52 anos, tem encontro marcado todas as quintas-feiras com os jogadores de carta do Lar da Velhice São Francisco. O carteadado, contudo, é apenas um pretexto para se aproximar dos idosos de modo que possa transformar os dias em que passam no abrigo um pouco mais prazerosos.

– Jogar mesmo é o que a gente menos faz. Procuo mais conversar com eles. Também tento fazer com que aqueles que podem, troquem a cadeira de rodas pelo andador – conta Signori.

Um dos moradores mais antigos do Lar da Velhice é Silvino Scantamburlo, 67. Ele está há 16 anos no asilo, desde que sua mãe morreu.

– Como fizemos poucas coisas para passar o tempo, gostamos muito de ver gente de fora – disse Scantamburlo, um dos parceiros de busca do voluntário.

Para Signori, ser solidário é uma forma de recompensa por tudo que conseguiu em sua vida.

– Escolhi o Lar da Velhice, porque nem todo mundo consegue vir aqui. É um pouco triste, as pessoas estão conscientes de que estão no final de suas vidas, mas o sentimento que transmito é de aproveitar o presente – explica o voluntário.

Assim como Signori, outras pessoas atuam solidariamente no abrigo. Por mais que todos os problemas desses idosos não possam ser resolvidos pelos voluntários, o simples entretenimento e a presença de pessoas trazendo um pouco do mundo, que os internos deixaram do outro lado dos portões do asilo, faz toda a diferença.

– Eu me encontrei com eles e eles ficam felizes em ver a gente, mesmo que não possamos mudar muito a vida deles – declara Signori.

MAIS**Participe**

Comente esta reportagem e sugira novas matérias sobre voluntariado pelo e-mail leitor@pioneiro.com. O projeto Cidadão RGE é composto de 12 reportagens. No final do ano, você poderá votar e escolher a melhor história.